



**ORALIDADE EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS:
reflexão sobre o fazer docente**

Elizamara Federle*

Edneuzza Alves Trugillo**

RESUMO

Neste artigo apresento o estudo sobre o que influencia as crianças de apresentarem dificuldades em se expressarem oralmente em sala de aula, como a linguagem oral é empregada em sala de aula e em que situações, e qual o papel que a escola e os professores desempenham, pois sabe-se que a aprendizagem da linguagem oral é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de expressão dentro de uma sociedade. Realizei minha pesquisa com os alunos de uma turma do 3º ano escolar do ensino fundamental em uma Escola Estadual do Município de Sinop - MT, por meio do estudo de caso do tipo qualitativo, possibilitando a compreensão da realidade social, considerando a unidade social estudada como um todo, reunindo o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Com as análises percebe-se que são vários fatores que influenciam as crianças a apresentarem dificuldades, citando aqui alguns dos quais foram constatados: fator genético, porque passou por alguma vergonha, algum constrangimento, timidez ou dicção. Para esse processo investigativo utilizei como suporte teórico vários autores, entre eles: Antonio Augusto Batista, Celso Antunes, Lev Semenovicth Vygotsky, Luiz Carlos Cagliari, Maria Beatriz Ferreira, Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa, Paulo Freire, os quais fundamentaram o estudo enfatizando a importância da linguagem.

Palavras-chave: Educação. Linguagem Oral. Dificuldade. Aprendizagem.

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação da Professora Ma. Edneuzza Alves Trugillo.

** Professora graduada em Pedagogia - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso (1999). Especialização em Educação Especial pela UNEMAT (2001) e Psicopedagogia pela UNIFLOR (2004). Mestre em Ciências Ambientais na linha de pesquisa em Educação Ambiental pela UNEMAT (2009).

1 INTRODUÇÃO

Abordo nesse trabalho a Linguagem Oral, em que o tema trabalhado contemplou a oralidade em sala de aula nos anos iniciais: reflexão sobre o fazer docente. Esta pesquisa realizou-se por meio do estudo de caso na Escola Estadual Paulo Freire, localizada na Rua das Alfazemas, Jardim das Oliveiras, no período do dia 28 a 31 de março de 2011.

Meu objetivo como pesquisadora é compreender como a comunicação, a linguagem, são expressadas pelas crianças, quais as estratégias que utilizam para se expressarem, evidenciando assim as dificuldades enfrentadas no ato da interlocução.

O que me levou a pesquisar sobre essa temática foi à curiosidade em descobrir se a criança tem dificuldade de expressar-se oralmente, e se tiver como se sente por ter essa dificuldade; e o que a leva ter essa dificuldade. A criança que demonstra dificuldade de expressar-se pode ser ajudada, preparando-a a ter segurança em si para encarar, desde os seminários acadêmicos a grandes públicos.

A linguagem me chama atenção, pois existem diversas formas de se expressar, por meio da linguagem que se usa diariamente. Privilegiar o uso da língua na educação, e trabalhar com a oralidade é primordial. É por meio da oralidade, a qual é um valioso instrumento interdisciplinar e a primeira modalidade linguística a ser adquirida pelo indivíduo, a partir disso é necessário que a escola coloque em relevância o seu papel no processo ensino-aprendizagem.

Diante desse compromisso, busco questionar: As práticas educativas dos professores no contexto dos Anos Iniciais privilegiam a linguagem oral? Qual o papel da escola no que se refere ao desenvolvimento da oralidade das crianças? O que tem sido feito efetivamente para atingir o objetivo exposto no Parâmetro Curricular Nacional (PCN)?

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa relaciona-se a linha de pesquisa na Área da Educação, Ambiente, Cultura e Sociedade. Trabalhei com o estudo de caso qualitativo, observando crianças do terceiro ano da Escola Estadual Paulo Freire, tendo como base importante para a coleta e análise de dados a flexibilidade e a criatividade. Elaborei um roteiro de questões simples e diretas, para não me perder em temas que não interessam ao meu objetivo. Primeiramente entrei em contato com a responsável pela Escola, solicitando a permissão para realizar minha pesquisa na instituição, a mesma me indicou as professoras Estela e Manoela (nomes

fictícios) que me receberam muito bem em seus ambientes de trabalho, atenciosas, dispostas, em deixar minha pesquisa mais rica com suas experiências.

Realizei a pesquisa durante o período de 28 a 31 de março de 2011, com a turma do terceiro ano da Escola Estadual Paulo Freire, com o intuito de que os objetivos de meu estudo fossem alcançados.

O espaço físico da sala de aula é um ambiente adequado às necessidades do aluno, a sala é bem iluminada, arejada, possui dois ventiladores, possui o canto da leitura. A professora os incentiva muito a ler, percebe-se que eles gostam de ter esse contato com os livros de histórias, entre outros. O que deixa a desejar são as mesas e cadeiras, algumas estão quebradas, não existem mesas e cadeiras para todos, alguns utilizam a mesa e sentam em cadeiras de braços, ficando com a postura incorreta, não tendo onde colocar o material e não tem o espaço de que precisam.

A professora os incentiva a falar, deixando que os alunos participem com suas experiências, contando o que leram no livro, deixando-os que apresentem o conhecimento prévio que tem sobre determinado assunto, ficando assim, mais fácil para assimilarem o conteúdo.

Observei atenciosamente cada criança da sala sempre na expectativa de encontrar os sujeitos de minha pesquisa e enriquecê-la com a participação dos mesmos. Ao observá-las por dias, percebi em três crianças a linguagem fazendo parte de sua vida escolar e familiar, depois da observação que realizei, apliquei o questionário com as três crianças.

A primeira criança que tem como nome fictício Diogo tem oito anos, estuda no terceiro ano, durante as aulas fala muito pouco e baixo só fala quando a professora o instiga a falar, mas é uma criança que interage com as crianças na hora do intervalo e, em sala de aula, dependendo da atividade proposta. No momento do questionário se expressou muito bem

A segunda criança tem como nome fictício Amantino tem oito anos, estuda no terceiro ano, é uma criança muito quieta, participa pouco, é muito inteligente, faz todas as atividades, senta sempre no final da sala, sempre no canto, não incomoda ninguém, conversa e interage muito poucos com seus colegas, ele somente fala quando há atividades que necessitam de sua participação, como atividades de falar o que entendeu da história lida, falar o que entendeu do assunto abordado pela professora. No momento da entrevista apresentou dificuldade em responder, se mostrou tímido, por mais a vontade que eu procurei o deixar.

A terceira criança tem como nome fictício Gerônimo tem onze anos, estuda no terceiro ano tem muita dificuldade na aprendizagem, tem dificuldade na leitura, não conhece todas as palavras, lê as imagens, é muito esforçado, gosta de ajudar os outros, escreve com muita

dificuldade, a professora tem que passar atividades diferenciadas, apresenta dificuldade na fala, é participativo, é inteligente, interessado e capaz. Sua mãe falou com a professora que ele aprende até mais ou menos metade do ano, depois esquece. A professora não soube me explicar certo o que ele tem, porque está trabalhando com ele há pouco tempo, mas me explicou o seguinte que tem crianças quando nascem, parecem que tem água na cabeça, que a cabeça nasce maior que o corpo, esse é o caso dele, ele fez cirurgia ano passado (2010), a professora não sabia se nos outros anos foram feitas outras cirurgias. Tem toxoplasmose nos olhos, tem uma deficiência só que não precisa usar óculos, a mãe insiste bastante que ele tem que aprender o nome, é um menino que gosta de ajudar os colegas.

3 REFERENCIAL TEORICO

O assunto desta pesquisa abrange várias áreas, especialmente, a área da educação, considerando que segundo Paulo Freire (1987, p.70), “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

A educação para Freire (1987) contrapõe ao que ele chama de ‘educação bancária’, exerce um papel fundamental no processo de libertação, ou seja, está intimamente ligado à realidade, ao contexto social em que vivem o professor e o aluno, nas relações entre o homem e o mundo, e que o ato de conhecer não está separado daquilo que se conhece, é uma doação dos que julgam ter conhecimento, sabendo que o conhecimento está dirigido para alguma coisa. É com o conceito de Paulo Freire que abordo a linguagem como assunto da pesquisa que realizei, pois, a linguagem é um assunto que me chama atenção por englobar as idéias, a fala, o dizer e o pensar.

O falar é bem mais do que dizer, abrange a fábula, o pensamento diverso, o romantismo, constrói idéias, excitam pensamentos e mudam o mundo, enquanto o dizer é o mesmo que exprimir, expor, recitar, declamar, murmurar, discutir, etc... (ANTUNES, 2003, p. 35).

Segundo o Vygotsky (apud ANTUNES, 2003, p. 28), “[...] enquanto na fala externa o pensamento corporifica-se em palavras, na fala interior as palavras morrem quando dão a luz o pensamento. É por meio da fala interior que a criança constrói sua própria identidade e a identidade do seu próprio mundo”. Essa ideia de Vygotsky é o ponto mais importante de minha pesquisa, pois, quando a criança não está falando não quer dizer que ela não está

pensando em nada, simplesmente está dando ‘asas’ a sua imaginação, está se identificando com algo.

Quando não forem bem trabalhadas as etapas do desenvolvimento da criança na infância, principalmente, na alfabetização, acarretará consequências em seu aprendizado, as quais aparecerão na fase adulta, como por exemplo, dificuldades de expressar-se oralmente e de interpretação, esta se dá pelo fato de a escola não trabalhar com a escrita e a fala na alfabetização, ocasionando dificuldades para lidar com a leitura, também pelo fato de a escola não saber fazer de seus alunos bons leitores, trazendo consequências graves para o futuro destes. Para Cagliari (2002) é preciso que o professor que atua nas escolas, procure aprofundar seus conhecimentos teóricos, desenvolvam o hábito de refletir sobre seu trabalho, deixem de ser menos aplicadores de pacotes educacionais e sejam de fato educadores, agentes transformadores, facilitadores da aquisição de conhecimento.

Segundo Cagliari (2002, p. 82), “a escola rotula seus alunos pelos diferentes modos de falar, como espelho da sociedade, a escola não admite o diferente e prefere adotar só as noções de certo ou errado, numa falsa visão da realidade, devendo respeitar os dialetos, entendê-los”. A escola deve estar preparada para atender a todos, respeitando a cultura e o conhecimento que cada um traz consigo, não querendo talvez só ensinar a norma.

É por meio da linguagem que nos constituímos como pessoas no mundo. A linguagem por ser de natureza social, tem um caráter essencialmente dialógico e interacional. A linguagem contribui para a formação do sujeito na sua interação com o outro, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. Aprender uma língua é entender, interpretar e representar os significados das palavras de acordo com o meio sociocultural do qual se faz parte. É importante que se amplie as capacidades de comunicação e expressão associadas às quatro competências linguísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever.

Durante os primeiros anos de vida, no contexto familiar e na Educação, a criança aprimora a competência em oralidade para aos poucos ir se inserindo no universo da linguagem escrita. O aprendizado da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas práticas sociais.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Um dos pontos pesquisados em minha pesquisa foi como a linguagem oral é empregada em sala de aula pelas crianças e em que situações, sabendo que o ponto de maior importância no trabalho com a oralidade é refletir sobre a variação linguística e desenvolver as capacidades cognitivas, devido à demonstração de adequações de uso, além de combater preconceitos relacionados ao comportamento e à linguagem humana. As formas de preconceito, entre eles o preconceito linguístico, são ocorrências intrínsecas à vida social do indivíduo, podendo determinar o tipo de relação que este mantém com o grupo. Portanto, tratar a oralidade de forma sistemática, contribui não somente para desenvolver a capacidade de comunicação do aluno, mas para seu desenvolvimento, formando alguém capaz de se utilizar das possibilidades que a língua lhe permite. Na concepção da professora Estela:

(01) Estela: Esse é um ponto que a gente observa mais, porque a prática pedagógica faz com que a criança fale né, e ali já no primeiro dia a gente já percebe quem tem facilidade na hora da atividade e quem tem dificuldade, e é justamente na atividade né, atividade que agente faz de falar, na leitura, escrita, na brincadeira, na música, em tudo, em quatro horas, em quatro horas do dia.

De acordo com Batista (2007, p.14), “o aprendizado e a progressão da criança, entretanto, dependerão do processo por elas desenvolvido, do patamar em que ela se encontra e das possibilidades que o ambiente escolar lhe propiciar, em direção a avanços e expansões”.

Saber adequar o modo de falar as diferentes interações é uma capacidade linguística de valor e utilidade na vida do cidadão e por isso, é que se deve ser desenvolvido na escola. Esse também é um ponto observado pela professora Manoela, que apresenta suas contribuições sobre o assunto:

(02) Manoela: Como que eu tenho percebido é, como que vou explicar, durante o questionamento, né, quando estamos conversando sobre determinado assunto, uma determinada leitura daí eu peço para as crianças estarem conversando né, e eu percebo que elas não se manifestam como outras né. Acho que em todo momento, né, porque a linguagem oral é desde chegar à escola, em casa, em todo momento é utilizada.

A professora Estela e a professora Manoela observam que o falar é muito importante, percebendo que os alunos apresentam dificuldades em se expressar no momento em que são provocados a falar, no desenvolvimento das atividades propostas. Uma criança desenvolve

seu ato comunicativo apenas vendo e convivendo com adultos. Isto significa que, mesmo não fazendo uma leitura de livros ou outras, a mesma consegue comunicar-se. Desenvolve suas habilidades, a partir do momento no qual é apresentada às situações de desafios e aprendizagens.

Ao questionar as professoras Estela e Manoela se as crianças encontram dificuldades de se expressarem oralmente e o que influencia essa dificuldade, e se as práticas educativas que envolvem a linguagem valorizam a expressividade oral da criança, apresentaram a seguinte questão sobre o assunto:

(04) Estela: A tem vários fatores né pode ser até um caso assim de, genético, e tem várias, em casa né a mãe talvez não deixa falar, ou na rua ele passou alguma vergonha, algum constrangimento por causa da fala dele, são vários fatores que influenciam isso, como dicção, timidez, etc.. porque influencia né, influencia em tudo, a prática que você faz, ele tem que se comunicar porque senão ele vai, que nem eu te falei, se ele não se comunicar a gente vai ver a causa né, e quando chegar na causa, trabalha a causa, daí então vai na família, envolve tudo né, todo o ambiente em que ele convive.

Segundo Ferreira (2007, p.311), “É graças a uma ação efetiva com a oralidade e a escrita que o aluno consegue reproduzir discursos que trazem a tona situações e/ou sentimentos que precisam ser devidamente trabalhados pelo professor”.

A evolução da linguagem na criança depende basicamente de dois fatores: características individuais da criança e características de seu ambiente, o meio interfere, se a criança tem um meio adequado para poder expressar-se, sua linguagem fluirá normalmente, agora se essa criança não tem como se expressar no meio em que vive terá complicações na sua evolução da língua falada. Ao falar sobre se as práticas educativas envolvem a expressividade oral do aluno a professora Manoela trouxe uma questão muito importante, que com essas práticas o aluno se torna um ser mais comunicativo nas relações sociais:

(05) Manoela: A timidez, né, de não saber ler, de repente pai analfabeto, que não tem acesso a leituras, de repente nunca foi num cinema, não participa de muitas coisas, isso dificulta um pouquinho. Porque só deles estarem brincando ali, já está falando, né, está se expressando, numa simples brincadeira, né, já está se expressando, já está falando da oralidade, está convivendo com as crianças, acho que em todo momento.

Na maioria das escolas existe as desigualdades escolares que geralmente estão ligadas às desigualdades de linguagem, que em grande parte são de ordem social e cultural. A escola conhecendo bem essas desigualdades deve se esforçar para observar e compensar aquilo que o ambiente familiar não pode proporcionar a criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a pesquisa constatei que algumas crianças apresentam dificuldades na oralidade em sala de aula, não sei se seria realmente dificuldade, mas é algo que bloqueia o ato da fala, como vimos nas análises no ponto de vista das professoras essa dificuldade é provocada pela timidez, por achar que não sabem, por não conseguir se expressar como os colegas, ficando com vergonha, achando que se falar não vai estar certo, ou vai incomodar.

Pude observar que a criança que tem vergonha em falar publicamente a maioria das vezes não é porque ela não sabe ou não reflete sobre o assunto trabalhado, mas muitas das vezes é por ter vergonha, ou por ser muito tímida. Sua maneira de se expressar pode ser escrevendo aquilo que pensa e sabe, fazendo todas as atividades propostas pelo professor.

Para que a criança em sala participe e não se sinta excluída pelos seus colegas e professores, é importante o papel que o professor desempenha em sala, trabalhando a oralidade, as formas de se expressar por meio de músicas, teatros, etc..., venha contribuir para que a criança tenha segurança na sua expressividade.

A linguagem oral é empregada em vários momentos desde a chegada a escola numa conversa informal com os colegas, na participação em sala, no momento em que as professoras os provocam a falar, por meio da leitura, de atividades dinâmicas, brincadeiras, e se com todas essas técnicas a criança não quer participar por timidez, ou por medo de errar, é o caso da professora sentar individualmente com esta criança, e ajudá-la.

O papel da escola é detectar as dificuldades que as crianças encontram em se expressar oralmente, verificar quais são os problemas que elas estão enfrentando (familiares, emocionais). Na pesquisa realizada percebi que a escola já vem desenvolvendo trabalhos que incluem essas crianças, e não sejam excluídas porque na verdade é o que realmente acontece com aquelas que são quietas, que fazem tudo, muitas vezes são deixadas de lado, mas ninguém sabe o que elas estão passando, ou sentindo. A função da escola é garantir apoio a todas as crianças, ou seja, a todos os futuros cidadãos, sem discriminar os que têm dificuldades. É importante lembrar que as crianças que apresentam dificuldade devem ter o apoio da família, a qual é a verdadeira escola de sentimentos onde a mesma adquire a

maturidade indispensável às aptidões das aprendizagens escolares, pois quando chega à escola traz consigo uma história de vivências e oportunidades muito complexa.

**ORALITY IN THE CLASSROOM IN THE FIRST GRADES:
consideration about the teacher's performance.**

ABSTRACT¹

In this article I present the study about what influences children to present difficulties in expressing orally in class. How the oral language is used in class and in which situations as well as what role the teacher and the school perform. Because we know that learning the oral language is one of the most important elements to help children broaden their expression possibilities in the society. I have carried out my research with the students of a third grade group of students in State Elementary school in Sinop - MT. This research has been developed through a qualitative type case study. That allowed me to understand their social unity studied as a whole, gathering as many pieces of detailed information as possible through different techniques, aiming to apprehend the whole of a situation and describe the complexity of a concrete case. With the analysis I have noticed that several are the factors that influence the children to show difficulties some of these factors verified then are genetic aspects, because the child has gone through embarrassing situations, inhibition or diction problem. For this investigative process I have fallen back on theoretical support by several authors: Antonio Augusto Batista, Celso Antunes, Lev Semenovitch Vygotsky, Luiz Carlos Cagliari, Maria Beatriz Ferreira, and the National Curricular Parameter of the Portuguese Language, Paulo Freire. They all founded the study emphasizing the importance of the speech.

Keywords: Education. Oral Language. Difficulty. Learning.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para Bem Falar**: homo sapiens, homo loquens. São Paulo: Papyrus, 2003.

¹ Transcrição realizada pela aluna Catyane Roberta Hauth, do Curso de Letras – UNEMAT/Sinop e revisão pela professora Maria Amélia Conter de São Jose, do Curso de Letras – UNEMAT / Sinop, Especialista Didática(CRLE – **Revista Eventos Pedagógicos**).

BATISTA, Antonio Augusto Gomes; et al. Alfabetização e Linguagem: capacidades linguísticas. **Pró Letramento**. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Fascículo 1. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica, Brasília, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FERREIRA, Maria Beatriz. Alfabetização e Linguagem. **Pró Letramento**. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Fascículo Complementar. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica, Brasília, 2007.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ENTREVISTAS

ESTELA. **Estela**: nome fantasia. Depoimento. [04 mar. 2011]. Entrevistadora: Elizamara Federle. Sinop, MT, 2011. mp3. (8min 30 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Oralidade em Sala de Aula: reflexão sobre o fazer docente.

MANOELA. **Manoela**: nome fantasia. Depoimento. [08 mar. 2011]. Entrevistadora: Elizamara Federle. Sinop, MT, 2011. mp3. (11min 34 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Oralidade em Sala de Aula: reflexão sobre o fazer docente.